

APONTAMENTOS PARA ORIENTAÇÃO DE MONOGRAFIA

NOTES FOR MONOGRAPHY GUIDANCE

NOTAS PARA LA GUÍA DEL MONOGRAFÍCO

Edvaldo Costa Rodrigues¹

Manuscrito recebido em: 30 de abril de 2021.

Aprovado em: 14 de junho de 2021.

Publicado em: 16 de junho de 2021.

Resumo

O objetivo deste artigo é trazer alguns apontamentos para a orientação de monografia. Além de conceitos, destacam-se especificidades da atividade de orientação e sugestões de elaboração e defesa do texto monográfico. O conteúdo do artigo foi elaborado a partir de revisão de literatura e de reflexões do autor sobre suas experiências com orientação, bancas examinadoras e coordenação de trabalho de conclusão de curso. Conclui-se que conhecimentos sobre metodologia do trabalho científico e escrita acadêmica não são suficientes para uma orientação eficiente – se não houver disponibilidade e perfil para orientar – buscando-se estratégias didáticas que respondam às necessidades de aprendizagem de cada orientando.

Palavras-chave: Trabalho científico; Monografia; Pesquisa científica.

Abstract

The aim of this article is to bring some notes for the orientation of the monograph. In addition to concepts, specificities of the guidance activity and suggestions for the preparation and defense of the monographic text are highlighted. The content of the article was prepared from a literature review and the author's reflections on his experiences with guidance, examining boards and coordination of course completion work. It is concluded that knowledge about the methodology of scientific work and academic writing are not sufficient for an efficient orientation – if there is no availability and profile to guide – seeking didactic strategies that respond to the learning needs of each advisee.

Keywords: Scientific work; Monography; Scientific research.

Resumen

El objetivo de este artículo es traer algunas notas para la orientación de la monografía. Además de conceptos, destacan las especificidades de la actividad de orientación y sugerencias para la elaboración y defensa del texto monográfico. El contenido del artículo se preparó a partir de una revisión de la literatura y las reflexiones del autor sobre sus experiencias con la orientación, las juntas examinadoras y la coordinación del trabajo de finalización del curso. Se concluye que los

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão. Docente na Universidade Federal do Maranhão. Integrante do Grupo de pesquisa Práticas Educativas, Desenvolvimento Humano e Formação de Professores na Era Digital.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0312-6330>

Contato: edvaldo.uemanet@gmail.com

conocimientos sobre la metodología del trabajo científico y la redacción académica no son suficientes para una orientación eficiente - si no hay disponibilidad y perfil para orientar - buscando estrategias didácticas que respondan a las necesidades de aprendizaje de cada asesorado.

Palabras claves: Trabajo científico; Monografía; Investigación científica.

Introdução

Este artigo traz alguns apontamentos para a orientação de *monografia*, termo aqui empregado para designar a atividade acadêmica que resulta na elaboração e defesa de um texto monográfico. No conteúdo deste artigo, encontraremos concepções sobre monografia, especificidades do trabalho de orientação e sugestões de procedimentos didáticos que vão desde o levantamento de conhecimentos prévios do orientando em relação à pesquisa científica até o delineamento investigativo, estruturação de monografia, revisão de literatura, construção de capítulos, elaboração e treino da defesa oral.

O texto ancora-se em revisão de literatura e reflexões do autor sobre experiências como orientando, orientador, avaliador e coordenador de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Aporte, que propicia a percepção de que a orientação de monografia envolve processo de ensino-aprendizagem que exige o desenvolvimento de certas competências e habilidades por parte de quem orienta e é orientado, tarefa desafiante, porém, alcançável: basta engajamento e indispensável trabalho colaborativo.

Além de seu caráter informativo e de compartilhar experiências, o artigo chama à atenção para a necessidade de desenvolvermos no orientando a autonomia para a aprendizagem, o que inclui disponibilidade e responsabilidades para executar atividades essenciais como pesquisas, leituras e escrita. Por isso, o orientador, no que lhe concerne, precisa assumir o papel de mediador no processo de orientação de modo a contribuir para formação científica do orientando. É necessário lembrar que o sucesso nessa empreitada dependerá, também, do nível de empatia entre ambos, afinal, quaisquer mudanças na pesquisa e no texto monográfico precisam ser fundamentadas e consensualizadas.

O mais, destacamos que toda atividade de orientação precisa ser planejada e considerar as necessidades de aprendizagem de cada orientando, principalmente porque existem aqueles que escrevem bem, mas nunca produziram um texto acadêmico, outros mostram vontade de escrever, contudo, falta-lhes familiaridade com a escrita científica. Assim, o processo de orientação pode ser algo significativo ou frustrante em função de vários fatores. Quanto a missão do orientador, só estará concluída quando o orientando defender o texto monográfico e entregar a versão final à instituição de ensino. Por fim, reiteramos que os apontamentos neste artigo, não constituem um conjunto de regras, mas, sugestões úteis para tal atividade acadêmica: como veremos na seção específica.

Monografia: conceitos e características

Monografia é uma das formas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), comum em todas as instituições de ensino superior. Etimologicamente, a palavra monografia, é constituída, em grego, de *mónos*, “um só”, e *grapheim*, “escrever”, cujo significado é: “dissertação a respeito de um assunto único” (SALOMON, 2000, p. 253). Ludwig (2009), informa que a monografia é “[...] frequentemente, apresentada como uma exigência para a obtenção do título de licenciado, bacharel ou especialista em nível de pós-graduação. Ela faz parte, portanto, de um estágio de iniciação científica” (p. 81).

Severino (2001), estende essa compreensão salientando que “a tese de doutorado e a dissertação de mestrado, no contexto da vida acadêmica, e os trabalhos resultantes de pesquisas rigorosas são exemplos de monografias científicas” (p. 129). Cabe ressaltar que, embora resultem de processo de investigação sistemática conforme a NBR 14724, dissertação² e tese³ se diferenciam quanto à complexidade na elaboração da pesquisa. Para

² Documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações. Deve evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do candidato. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor), visando a obtenção do título de mestre (ABNT NBR 14724, 2011, p. 2).

³ Documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único e bem delimitado. Deve ser elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor) e visa a obtenção do título de doutor, ou similar (ABNT NBR 14724, 2011, p. 4)

Marconi e Lakatos (2001), monografia é um trabalho que “investiga determinado assunto não só em profundidade, mas também em todos os seus ângulos e aspectos, dependendo dos fins a que se destina” (p. 151). Nessa perspectiva, as autoras apontam as principais características de uma monografia:

a) trabalho escrito, sistemático e completo; b) tema específico ou particular de uma ciência ou parte dela; c) estudo pormenorizado e exaustivo, abordando vários aspectos e ângulos do caso; d) tratamento extenso em profundidade, mas não em alcance (nesse caso, é limitado); e) metodologia específica; f) contribuição importante, original e pessoal para a ciência. (MARCONI; LAKATOS, 2012, p.224-225)

Essas e outras características, bem como as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) são comumente reunidas em manuais de normalização de trabalhos acadêmicos sob a elaboração das instituições de ensino e com vistas a subsidiar a produção científica dos alunos. No âmbito da educação superior, podemos conceber a monografia como uma atividade acadêmica ou mesmo uma disciplina cujo produto de aprendizagem é a escrita e defesa de um texto científico na forma monográfica.

Quando as bancas examinadoras avaliam uma monografia, dedicam especial atenção ao texto escrito e a defesa oral. Do texto, avaliam-se: estrutura⁴, estilo⁵ e aspecto gráfico⁶ (conteúdo, linguagem e forma), a partir de critérios como: organização sequencial, argumentação, profundidade do tema, relevância e contribuição acadêmica da pesquisa, correção gramatical, clareza, apresentação estética, adequação aos aspectos formais e às normas da ABNT. Quanto à defesa oral, a avaliação incide sobre: domínio do conteúdo, organização da apresentação, habilidades de comunicação e expressão, capacidade de argumentação, uso dos recursos audiovisuais (quando houver) e correção gramatical.

⁴ Elementos pré-textuais: capa, lombada, folha de rosto, errata, folha de aprovação, dedicatória, agradecimentos, epígrafe, resumo, resumo em língua estrangeira; lista de ilustrações, tabelas, abreviaturas, símbolos, sumário. Elementos textuais: introdução, desenvolvimento e conclusão. Elementos pós-textuais: referências, anexo, glossário, apêndice, índice. É importante destacar que alguns elementos são opcionais.

⁵ Impessoalidade, objetividade, clareza, precisão, coerência, concisão e simplicidade.

⁶ Formato, espaçamento, organização das partes e titulação, paginação, notas de rodapé, citações, ilustrações, tabelas, referências.

Um texto monográfico – enquanto trabalho acadêmico – precisa contribuir para ampliação do conhecimento científico, o que se faz através de uma pesquisa científica (SALOMON, 2000). De modo prático, o texto deve ser estruturado em capítulos, obedecendo uma sequência lógica: introdução, desenvolvimento e conclusão.

A introdução tem o objetivo de situar o leitor no estado da questão, colocá-lo a par da relevância do problema e do método de abordagem. O desenvolvimento tem por finalidade expor e demonstrar: é a fundamentação lógica do trabalho. Propõe o que vai provar, em seguida explica, discute e demonstra: as proposições se sucedem dentro de um encadeamento que persegue a etapa final, a conclusão. Esta constitui a fase final do processo dialético iniciado desde a introdução: é a síntese de toda reflexão; a superação dos conflitos conceituais e das contradições detectadas durante a análise do problema. (SALOMON, 2000, p.258)

O desenvolvimento é a parte mais extensa do texto monográfico se comparado a introdução e a conclusão. Os títulos dos capítulos que compõem a parte de desenvolvimento do texto, são elaborados conforme a categoria de pesquisa escolhida, tais como: bibliográfica, campo (e suas variações), experimental, documental. Nas monografias realizadas a partir de pesquisa de campo, por exemplo, a coleta de dados é realizada *in loco*, recorrendo-se a instrumentos/técnicas como observação, diário, entrevista, questionário, grupo focal, história de vida, entre outros.

A depender das especificidades da pesquisa e do campo empírico, também é possível realizar a coleta de dados através da *internet*, enviando-se questionários ou realizando chamadas de vídeos. Nas monografias bibliográficas e documentais, a coleta é realizada através de revisão de literatura e análise de fontes: normalmente a partir de livros, artigos, documentos, jornais, revistas, *blogs*, sites, bases de dados, entre outros.

Algumas especificidades do trabalho de orientação

É cada vez mais frequente as instituições de ensino superior lançarem editais para seleção de orientadores de TCC, decisão apropriada principalmente quando a quantidade de orientandos supera a capacidade de atendimento da instituição através do seu quadro institucional. Em geral, a seleção é realizada em duas etapas: inscrição com juntada de

títulos e entrevista. Não se descarta a possibilidade de haver provas de conhecimento específico.

Durante a entrevista, é possível identificar se candidato possui o perfil desejável para o trabalho de orientação. Além disto, verifica-se a disponibilidade para a atividade, pois o orientador desempenhará tarefas básicas como: planejamento de ações, estudos dirigidos, análise dos textos produzidos e devolutivas com direcionamentos para modificações quando necessário.

No tocante as perguntas ao entrevistado, a instituição pode abordar temas relacionados, entre outros, as seguintes competências: gerenciamento de situações de aprendizagem, heterogeneidade e progressões de aprendizagem, trabalho em equipe, novas tecnologias, dilemas éticos da função de orientador, autoformação⁷. Proatividade, boa comunicação, liderança, autoconfiança, capacidade de análises, gerenciamento do tempo, inteligência emocional, criatividade e inovação, capacidade de adaptação: também são competências desejáveis.

Uma vez investido na função de orientador, é preciso conduzir o trabalho com competências técnica e socioemocional (ligada à nossa capacidade de conhecer, conviver, trabalhar e ser), afinal, cada orientando apresenta especificidades em relação à aprendizagem. Precisamos demonstrar segurança na orientação, sustentando as recomendações em evidências e base teórico-metodológica consistentes de modo que o orientando se sinta bem assistido. Evitemos condutas como: desqualificar o texto do orientando, não responder às comunicações ou demorar para fazê-lo, desmarcar reuniões sem avisar, expor o orientando a situações vexatórias em grupo, aprovar o texto sem a devida análise e submissão a identificadores de plágio.

Conflitos entre orientando e orientador são comuns durante todo o processo de orientação, mas nada que um diálogo cortês e sustentado em conhecimento teórico-metodológico não resolva. Às vezes o orientando deseja a todo custo mudar o tema de pesquisa ou não aceita a inserção/substituição de autores na fundamentação teórica. No primeiro caso, não há problema desde que o novo tema mostre relevância social e

⁷ Adaptados das “10 novas competências” propostas Perrenoud (2000).

acadêmica (SAVIANI, 2020). No segundo, ambas as partes, precisam mostrar no que os autores anteriores/atuais realmente contribuem para o desenvolvimento do tema.

Normalmente os manuais de orientação e editais de seleção procuram contemplar pelo menos algumas das seguintes atribuições do orientador: acompanhar a elaboração do projeto de pesquisa, conduzir a estruturação do texto monográfico, indicar fontes de pesquisas, estabelecer e observar os prazos das atividades; revisar o texto e apontar correções, acompanhar o orientando no dia da defesa, colaborar com os ajustes sugeridos pela banca. Convém esclarecer que tais atribuições são mínimas devido à complexidade dessa atividade acadêmica em função das demandas de aprendizagem de cada orientando: é o que abordaremos na próxima seção.

Alguns apontamentos para orientação de monografia

Esta seção, ocupa-se em apontar algumas reflexões e estratégias quanto ao trabalho de orientação, de modo que se perceba em que momento orientador e orientando trabalham juntos/separados e as ações necessárias ao bom andamento da monografia. O conteúdo aqui apresentado mostra detalhes que vão desde o diagnóstico dos conhecimentos prévios até a defesa do texto monográfico. Deixamos para o leitor, refletir sobre a natureza do trabalho de orientação a partir destes apontamentos.

- Diagnóstico dos conhecimentos prévios

O diagnóstico marca o primeiro momento formal no trabalho de orientação, explicando-se ao orientando suas tarefas básicas: participar dos momentos de orientação, pesquisar, escrever e entregar a produção ao orientador, este no que lhe concerne “[...] tem por dever oferecer ideias originais aos seus aprendizes, guiando-os por caminhos que, sozinhos, ainda não conseguiriam descobrir” (DINIZ; TERRA, 2014, p. 91).

A principal função do diagnóstico é identificar os conhecimentos do orientando sobre pesquisa científica e o tema que pretende desenvolver. Existem vários instrumentos para tal sondagem como o Quadro-síntese (Quadro 1) e o Quadro Norteador de Pesquisa -

QNP (Quadro 2). Os instrumentos devem ser entregues ao orientando, informando-lhe que a data de envio será no máximo uma semana antes da primeira reunião.

Quadro 1: Quadro-síntese da pesquisa

Tema:	
Delimitação do tema:	
Pergunta de pesquisa:	
Problema de pesquisa:	
Problemática:	
Hipóteses (se houver):	
Classificação segundo a abordagem:	
Classificação segundo os objetivos:	
Classificação segundo os procedimentos técnicos:	
Objetivos:	
Sujeitos (se houver):	
Fontes:	

Fonte: autor.

Abaixo, podemos visualizar a estrutura do (QNP). A partir desse quadro, é possível identificarmos se há uma relação harmônica entre: tema, questão central e objetivo geral, questões específicas e objetivos específicos. Além disto, possibilita sistematizar a construção do objeto de estudo (ARAÚJO; PIMENTA; COSTA, 2015).

Quadro 2: Quadro Norteador de Pesquisa - QNP

TEMA	DELIMITAÇÃO DO TEMA	QUESTÃO CENTRAL	OBJETIVO GERAL
		QUESTÕES ESPECÍFICAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Fonte: adaptado de Araújo; Pimenta; Costa, 2015.

As informações apresentadas pelo orientando em quaisquer um dos quadros, servirão de base para o que chamamos de delineamento da pesquisa. Caso o orientando não consiga preencher o quadro ou solicite temas de pesquisa, podemos atribuir-lhe a seguinte tarefa: listar temas de interesse na sua área de formação e sublinhar aqueles que sejam relevantes (social e acadêmica) e viáveis para investigação.

Outra dificuldade muito apresentada por orientandos é quanto a elaboração da pergunta de pesquisa, identificação do problema e construção da problemática. Quando isto acontece, precisamos explicar a diferença entre ambas. A pergunta de pesquisa é a inquietação inicial. “Problema é uma dificuldade, teórica ou prática, no conhecimento de

alguma coisa de real importância, para qual se deve encontrar uma solução” (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 12). “Uma problemática pode ser considerada como a colocação dos problemas que pretendemos resolver dentro de certo campo teórico e prático. Um mesmo tema (ou assunto) pode ser enquadrado em problemáticas diferentes” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 85).

A problemática é o conjunto dos fatores que fazem com que o pesquisador conscientize-se de um determinado problema, veja-o de um modo ou de outro, imaginando tal ou tal eventual solução. O problema e sua solução em vista não passam da ponta de um iceberg, ao passo que a problemática é a importante parte escondida. Uma operação essencial do pesquisador consiste em desvendá-la. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.98)

Há outras tantas concepções sobre problemática e problema. O importante é que se perceba o lugar que cada uma ocupa na pesquisa. De um modo geral, os problemas constituem a base para a construção da problemática que, no que lhe concerne, dará visibilidade aos problemas e permitirá ao pesquisador identificar o seu objeto de estudo.

- Delineamento da pesquisa

O delineamento da pesquisa diz respeito à estrutura lógica da investigação, organizado com base em categorias de pesquisa. Um bom delineamento evita erros sistemáticos do ponto de vista teórico-metodológico (POPPER, 2003). Gil (2010, 2002), contribui com esse entendimento destacando ser possível classificar as pesquisas com base em alguns critérios como área de conhecimento⁸, finalidade⁹, objetivos mais gerais¹⁰ e métodos empregados¹¹, e que:

⁸ O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) classifica as pesquisas em 7 áreas de conhecimento: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais e Aplicadas, e Ciências Humanas.

⁹ Quanto à finalidade, Gil (2010) classifica as pesquisas em: básica pura, básica estratégica e aplicada.

¹⁰ No que se refere aos objetivos mais gerais se classificam em exploratória, descritiva e explicativa, segundo Gil (2002).

¹¹ Quanto aos métodos empregados, Gil (2002) classifica as pesquisas quanto ao “[...] ambiente de pesquisa, a abordagem teórica e as técnicas de coleta e análise de dados” (p 29).

por delineamento (*design*, em inglês) entende-se o planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, que envolve os fundamentos metodológicos, a definição dos objetivos, o ambiente de pesquisa e a determinação das técnicas de coleta e análise dos dados. Assim, o delineamento da pesquisa expressa tanto a ideia de modelo quanto a de plano. (GIL, 2010, p.29)

Nessa ótica, Andrade (2005, p. 140), enfatiza que “Uma pesquisa não pode ser realizada sem um planejamento prévio, detalhado, de todas suas etapas”. Tal planejamento pode desenvolvido a partir de um plano de trabalho (Quadro 3) o qual constituirá o instrumento norteador da investigação. Nesse plano, são elencadas as principais atividades a serem realizadas.

A exemplo de uma pesquisa bibliográfica, Gil (2010, p. 45), aponta o seguinte delineamento: escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório do assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto. A experiência com orientação mostra que o preenchimento dos quadros 1 e 2 pelo orientando facilita a elaboração do plano de trabalho e mostra quais conhecimentos já foram consolidados.

Quadro 3: Exemplo de Plano de Trabalho

PLANO DE TRABALHO									
Instituição:									
Nome do aluno:									
Curso:									
E-mail:									
Telefones:									
Cronograma									
Atividades	Período								
_____ Assinatura do professor orientador	_____ Assinatura do orientando								

Fonte: o autor.

Cabe ressaltar que, no plano de trabalho, podemos inserir quantas atividades forem necessárias a realização da investigação e a construção do texto monográfico, a exemplo: revisão de literatura, coleta e tabulação de dados, reuniões de orientação, elaboração da estrutura monográfica, primeiro capítulo, primeira versão, versão final, *slides* da apresentação (se necessário), treino da apresentação. Aconselhamos que toda atividade realizada com o orientando seja registrada no plano de trabalho: o que é uma contraprova em desfavor de futuras alegações.

- Estruturação do texto monográfico

Para estruturar o texto monográfico, utilizamos um sumário cujo formato modifica-se em função da categoria de pesquisa. Embora não seja regra, mas normalmente os textos monográficos de pesquisas bibliográficas ou documentais apresentam a seguinte estrutura: introdução, capítulos teóricos, considerações finais ou conclusão, referências.

Para os textos de pesquisas de campo, é possível estruturá-lo em: introdução, capítulos teóricos, metodologia, resultados, discussão, considerações finais ou conclusão, referências. Os apêndices¹² e anexos¹³ são comuns para às duas categorias. Entre outras vantagens, definir a estrutura do texto monográfico facilita o direcionamento do orientando em relação às etapas a serem cumpridas.

Vejamos este exemplo prático. Título: Revisão bibliográfica sobre o lúdico no ensino de matemática. Sumário: **1.** Introdução, **2.** Ludicidade e educação: 2.1 Concepções de educação, 2.2 A ludicidade e seu papel educativo; **3.** Pressupostos teóricos sobre o lúdico: 3.1 Teorias socioantropológicas, 3.2 Teorias filosóficas, 3.3 Teorias psicológicas; **4.** Ludicidade e o ensino de matemática: 4.1 O ensino de matemática, 4.2 As potencialidades do lúdico para o ensino de matemática, 4.3 Jogos matemáticos; **5.** Considerações finais; Referências. Caso a pesquisa fosse de campo e com o objetivo de “descrever práticas lúdicas de professores no ensino de matemática”, as modificações poderiam ocorrer apenas no capítulo 4, dedicando-se subcapítulos para descrever as práticas e demonstrar as inferências.

¹² “Elemento opcional. Deve ser precedido da palavra APÊNDICE, identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelo respectivo título. Utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos apêndices, quando esgotadas as letras do alfabeto” (ABNT, NBR 14724, p. 9).

¹³ “Elemento opcional. Deve ser precedido da palavra ANEXO, identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelo respectivo título. Utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos anexos, quando esgotadas as letras do alfabeto” (ABNT, NBR 14724, p. 9).

- Revisão de literatura

Uma vez definida a estruturação monográfica, o orientador solicita do orientando a elaboração de um texto de revisão de literatura que, para Creswell (2007, p. 45), “fornece uma estrutura para estabelecer a importância do estudo e um indicador para comparar os resultados de um estudo com outros resultados”. Como sugestão para essa tarefa, indicamos a elaboração de uma síntese com no máximo 5 laudas ou um quadro analítico (Quadro 4) para inventariar as fontes.

Segundo Becker (2015, p.41):

se você começar a escrever numa fase inicial da pesquisa – antes de ter todos os seus dados, por exemplo –, isso lhe permitirá clarear mais cedo o pensamento. Ao redigir um rascunho sem os dados, fica mais claro o que você quer discutir e, portanto, quais dados terá de reunir. Assim, o ato de escrever pode moldar seu plano de pesquisa. É diferente da noção mais corrente de que primeiro você pesquisa e depois ‘escreve dando o fecho’.

O quadro analítico, é bem como um fichamento no tocante à revisão de literatura. Entre outras coisas, permite ao orientando: fazer primeiras aproximações sobre o tema ou campo teórico, levantar o estado da arte sobre o problema de pesquisa, identificar metodologias pertinentes ao estudo proposto e conhecer/comparar outros estudos sobre o tema de pesquisa.

Quadro 4: Quadro Analítico de Fontes

INFORMAÇÕES SOBRE AS FONTES	
Referência da fonte	Síntese

Fonte: o autor.

Outra funcionalidade desse quadro é que permiti a seleção do material realmente necessário. Nessa perspectiva, Schopenhauer (2018), destaca que “[...] o excesso de leitura tira do espírito toda a elasticidade, da mesma forma maneira que uma pressão contínua tira a elasticidade de uma mola” (p. 40). O campo síntese é o espaço que nos permite incluir/excluir a literatura necessária. Nele, faz-se um resumo informativo sobre o material apresentado, destacando-se: a categoria de pesquisa, o método, os objetivos, os principais

resultados e conclusões. Como percebemos, a partir da revisão de literatura o orientador pode identificar incoerências quanto a linguagem e fundamentação teórica, além de possíveis plágios: mesmo que não intencional. Se houver necessidade de correção, que se faça, pois, a construção dos capítulos precisa ser fundamentada em uma literatura consistente.

- Construção dos capítulos

É comum nessa etapa, alguns, orientandos, relatarem que não estão conseguindo escrever nada, o que não é motivo para desespero: muitas vezes lhes faltam apenas as fontes necessárias para subsidiar a escrita. Para Becker (2015, p. 76) “algumas dificuldades de escrita muito correntes e específicas têm origem nessa atitude: o problema de começar e o problema sobre ‘a maneira de organiza’. Nenhum deles tem uma solução única”.

De fato, sem leituras não há como desenvolver argumentos coerentes. A exemplo: como podemos escrever sobre o ensino híbrido sem nenhuma informação acerca do assunto? “Quanto mais lemos, mais rapidamente somos capazes de executar o truque mágico de ver como as letras foram combinadas em palavras dotadas de sentido” (PROSE, 2008, p. 17). Pinker (2016), reforça essa afirmação destacando que “os escritores adquirem sua técnica identificando, saboreando e aplicando engenharia reversa em exemplo de boa prosa” (p. 24).

É importante lembrarmos ao orientando que cada capítulo deve seguir a sequência lógica: introdução, desenvolvimento e conclusão. Com relação ao título dos capítulos, “não pode ser escrito de forma a iludir o leitor. Ele precisa informar precisamente o conteúdo do trabalho, ressaltando seu objetivo ou sua conclusão” (VOLPATO, 2010b, p. 66).

Não há escritor que não se debata com a difícil questão dos títulos de suas obras, sejam elas poemas, crônicas, contos, novelas ou romances. O título faz a primeira ponte com o mundo, é o primeiro gancho de interesse, a primeira luz do farol no nevoeiro. A obra está lá, enroladinho em si mesma, mas escondida, e é preciso uma etiqueta, um visgo ou um guizo para que ela seja percebida pelo possível leitor. (KIEFER, 2010, p.62)

Os capítulos podem ser intitulados a partir das próprias palavras-chave do título monográfico. No que se refere ao primeiro capítulo a ser elaborado, algumas pessoas preferem começar pela introdução, outras a escrevem por último já que não há regras quanto a isto. “Uma introdução bem redigida permitirá ao leitor adivinhar o objetivo (ou o cerne) do estudo, antes mesmo de ler esse objetivo” (VOLPATO, 2010a, p. 115).

Uma revisão geral de todas as introduções mostra que elas seguem um padrão similar: os autores descrevem um problema e justificam por que ele precisa ser estudado. Como os problemas diferem nos estudos qualitativos, quantitativos e mistos, o tipo de problema apresentado em uma introdução vai variar dependendo do método. (CRESWELL, 2007, p.88)

Vimos que uma pesquisa bibliográfica apresenta capítulos teóricos, enquanto a pesquisa de campo, os empíricos: método, resultados e discussão. O capítulo método tem a função de demonstrar como a pesquisa foi realizada, destacando-se a base teórico-metodológica, o local investigado, os sujeitos, a coleta e o tratamento dos dados. “O capítulo *Resultados* fornece os dados nos quais o autor se baseia para elaborar conclusões. Sem apresentar esses resultados, como o leitor poderia aceitar as conclusões?” (VOLPATO, 2002, p. 29). Nesse capítulo, apresente apenas os dados mais relevantes da investigação e que ajudam a responder o problema de pesquisa e confirmar as conclusões.

“No capítulo *discussão* mais premissas podem ser apresentadas (por exemplo, métodos, resultados ou conclusões anteriormente publicados) com intuito de sustentar as conclusões” (VOLPATO, 2002, p. 29). É o momento oportuno para mostrarmos os significados que os resultados assumiram no contexto da investigação. Embora alguns trabalhos apresentem os resultados e discussão em um só capítulo, Volpato (2010a), recomenda:

separe a discussão dos resultados. Com isso, terá chance de pensar melhor o que significa o item discussão. Ao escrever a discussão como único tópico, terá chance de pensar em sua estrutura. Lembre-se que uma boa alternativa é iniciar com as principais conclusões, posteriormente justificando os pontos principais que as sustentam. Não há erro lógico em juntar resultados e discussão. Trata-se apenas de um procedimento que pode induzir o autor menos experiente ao erro. Se esse tópico conjunto incluir, de fato, resultados e discussão de bom nível, então não há problema. (p.156)

Caso utilizemos tabelas ou figuras (gráficos, quadros, fotos, desenhos, etc.) para representar os dados no capítulo resultados, é importante saber que cada um tem sua funcionalidade. “Ao construir uma tabela deve-se observar o número apropriado de classe, a amplitude de classe e os limites de cada classe, evitando uma superposição” (LUDWIG, 2009, p. 92). Quanto aos gráficos, é imprescindível conhecer cada categoria (coluna, barra, pizza, linha, área, rede), pois, alguns são mais adequados para representar determinada realidade que outros.

Os discursos dos sujeitos pesquisados também são utilizados nos resultados, podemos apresentá-los em quadros ou no próprio parágrafo caso não ultrapassem três linhas. Caso ocupem quatro linhas ou mais, devem ser dispostos fora do parágrafo como se faz com as citações diretas longas. Importa lembrarmos da necessidade de preservar a imagem e identidade dos sujeitos, dando-lhes nomes fictícios ou outro modo de identificação, a não ser que se trate de pesquisa (auto)biográfica. Quanto à imagem dos sujeitos, é preciso cuidado: nada de fotos que exponha a intimidade das pessoas.

Aliás, as imagens e discursos precisam ser autorizadas pelos sujeitos, é para isto que serve o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)”: elaborado pelo orientador com base em normas e diretrizes brasileiras para pesquisas envolvendo seres humanos. Convém ressaltar a importância de submeter o projeto de pesquisa a um conselho de ética, principalmente porque “a história das pesquisas envolvendo seres humanos está marcada por situações consideradas abusivas para as pessoas envolvidas em estudos realizados” (DINIZ; GUILHEM, 2005, p. 11).

Uma dúvida frequente de orientandos quanto às citações diretas refere-se ao número mínimo por capítulo. A esse respeito, recomendamos equilíbrio e coerência, principalmente porque a função das citações é contribuir para o diálogo, fundamentando as interpretações sobre o objeto de estudo. “Há coisas cuja base não precisamos mostrar, pois, já se tornaram conhecimento obrigatório numa área. Se falarmos em seleção natural, não precisamos dizer quem a propôs e a fundamentou” (VOLPATO, 2010a, p. 174). Às vezes, o orientando utiliza uma citação e esquece (ou não) de citar o autor, isso é plágio!

É muito comum a confusão entre plágio e violação da propriedade intelectual. Porém, assim como nem toda violação de direitos autorais envolve plágio, nem todo plágio infringe direitos autorais. É possível uma obra estar em domínio público, como é o caso dos livros de Machado de Assis, e mesmo assim se reclamar o plágio em caso de cópia indevida. (DINIZ; TERRA, 2014, p.21)

Entre as diversas formas de plágio destacam-se: plágio completo, baseado na fonte, direto ou literal, autoplágio, parafraseado, autoria imprecisa, mosaico, acidental. Existem vários programas disponíveis na *internet* para identificar plágios. Caso o orientador identifique tal problema, é importante mostrar a fonte de onde o texto foi plagiado e recomendar as devidas alterações. Precisamos ter cuidado em dar essa notícia ao orientando, afinal, toda recomendação deve contribuir para a construção do conhecimento e maturidade intelectual.

O último capítulo a ser elaborado é a conclusão que, para Volpato (2002), é a “[...] essência do trabalho científico” (p. 33). Alguns, preferem dar-lhe o nome de considerações finais. “Consiste no resumo completo, mas sintetizado, da argumentação desenvolvida na parte anterior. Devem constar da conclusão a relação existente entre as diferentes partes da argumentação e a união das ideias e, ainda, a síntese de toda a reflexão” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 47). O capítulo conclusão tem como papel principal responder o problema de pesquisa e dar visibilidade ao objetivo do estudo. Para aqueles que na conclusão sugerem propostas de novos estudos, Volpato (2010a, p. 161) orienta:

evite-as. Restrinja-se às indicações de aspectos realmente relevantes, independentemente de estar ou não engajado nela. O texto científico deve trazer conclusões, e responder a questões relevantes. É isso que o leitor espera. Novas pesquisas os cientistas devem saber fazer. Não é preciso que você publique quais são os caminhos a seguir. A final, ninguém publicará uma hipótese genial que ainda precise ser testada.

Especificamente quanto a estrutura gramatical do texto monográfico, “é preciso cuidado para não cultuar ingenuamente os estilos difíceis, o hermetismo expressivo, como se isso por si só implicasse riqueza de ideias” (SACRINI, 2019, p. 283). Essas observações coadunam com as recomendações de PINKER (2016), quando nos diz: “escreva com substantivos e verbos, não com adjetivos e advérbios e nunca use palavra incomum ou fantasiosa quando uma palavra comum e simples resolve” (p. 34).

Há orientandos que escrevem poeticamente, outros adotam linguagem rebuscada ou agressiva, enfim, são muitos estilos que, às vezes, ficam distantes do que se espera para uma escrita científica: explicação, clareza, inteireza, imparcialidade, ordem, acuidade, objetividade e simplicidade (BARRASS, 1986). Para Becker (2015, p. 105): “existe um remédio muito eficaz para a escrita acadêmica ruim: leia fora de sua área profissional e, quando for escolher, escolha bons modelos”.

A clareza, a precisão no uso das palavras e termos, a concisão e a coerência são as características mais relevantes para a redação científica. Você comunica com clareza ao apresentar as ideias de modo organizado, na ordem direta, na voz ativa (na maioria das vezes) e expressando-se com fluência e precisão. A construção de frases curtas e o uso adequado de palavras de transição e de conectivos são atitudes que corroboram a clareza, ou seja, ajudam o redator a produzir o texto e o leitor a entendê-lo. (VIEIRA, 2011, p.16)

Para facilitar a análise e devolutiva do texto encaminhado pelo orientando, podemos solicitar o envio de um capítulo por vez, afinal, o trabalho é minucioso: analisa-se o texto do ponto de vista do conteúdo, linguagem e forma. É importante que o orientando realize os ajustes no texto (arquivo) que lhe foi enviado, acolhendo as recomendações do orientador. Para evitar equívoco no envio dos arquivos, aconselhamos ao orientando que numere progressivamente as versões (I, II...) até chegar à versão final. Não é correto refazermos o texto do orientando, mas apontarmos as alterações necessárias: substituição de termos, correção gramatical, verificar plágio, inserir referências, entre outros.

O texto precisa ser revisado antes da defesa. A exemplo, podemos corrigi-lo a partir das seguintes perguntas: O título mostra coerência com o objetivo e a conclusão? O resumo foi construído de forma lógica? A estrutura argumentativa da introdução está adequada? O método é adequado para a investigação e apresenta procedimentos consistentes? Os resultados sustentam a conclusão e foram apresentados na sequência em que aparecem na discussão? A discussão justifica a metodologia? O texto precisa de reparos quanto a linguagem, conteúdo e forma?

Por fim, embora seja importante recorrer a um profissional experiente para fazer a correção gramatical e normalização do texto, reforçamos ser pertinente o orientando ler o que foi revisado, pois, como informa Barrass (1986, p. 72) “[...] a palavra certa não deve ser substituída por outra, menos adequada, em benefício da elegância estilística

e, além disso, a repetição muitas vezes tem o efeito de dar ênfase a um ponto importante”. “E a depender da visão de mundo que o autor importa da cultura em que está mergulhado o corpo de homem ou de mulher que lhe dá suporte, fará uma literatura mais subjetiva e pessoal ou mais objetiva e social” (KIEFER, 2010, p. 7).

- Elaboração e treino da apresentação

Espera-se que toda apresentação seja clara, informativa e agradável. Treine com o orientando para uma defesa de no máximo 20 minutos. Apesar de existirem várias fichas para avaliação de monografia, normalmente as bancas examinadoras centram o foco em dois aspectos: o texto monográfico (conteúdo, forma e linguagem) e a defesa oral: exposição, domínio do conteúdo e recurso (opcional) utilizado.

A banca é composta pelo professor orientador (presidente) e mais dois membros. Cabe ao orientador abrir a sessão, cumprimentar os demais membros e as pessoas presentes, apresentar o orientando e o título da monografia, além de se posicionar acerca das arguições em momento oportuno. A banca não pode desqualificar o trabalho do orientando, aliás, no que concerne aos avaliadores, cabe-lhes: ler o trabalho, contribuir para a melhoria (se for o caso) e dar o veredito de aprovado ou não-aprovado.

No que se refere à defesa oral, alerta-se o orientando quanto ao tom de voz: recomendável falar de forma clara e moderadamente: nem alto e nem baixo. Evita-se jargões e vícios de linguagem. O cuidado na postura corporal é outro ponto importante. Não é elegante: apoiar-se à mesa de projeção ou cadeira; ficar com braços/pernas cruzados, mãos para trás ou no bolso, ficar de costas para a plateia, olhar para o teto/chão, adotar postura estática, deslocar-nos excessivamente, coçar a cabeça, entre outros. A vestimenta e aparência também requerem cuidados: usa-se roupas adequadas para a ocasião, nada de trajes apertados e que não permitem movimentos confortáveis.

É possível fazer uma boa defesa sem uso de *slides* ou outros recursos, afinal, se os resultados, a discussão e as conclusões não necessitam ser apresentados através de tabelas, figuras e discursos dos sujeitos, então, qual a necessidade de algum suporte midiático ou visual?

Caso utilizemos *slides*, é importante alguns cuidados. Evita-se o uso de *laser point*, sem a necessária coordenação motora. Quanto ao texto no *slide*, usam-se tópicos ao invés de frases longas, além disto é pertinente o espaçamento duplo entre linhas. Cada *slide* leva em torno de três a quatro minutos para ser apresentado, logo, não precisamos agir como se estivéssemos lendo uma página de livro, a função desse recurso é apenas roteirizar a fala, lembrar-nos do que será explanado e não se tornar todo o conteúdo da apresentação.

Quanto a fonte, recomendamos letra visível (sem sombreamento) como “Arial”. É pertinente utilizar tamanhos diferenciados: maior para os títulos, médio para os subtítulos e menor para as informações. Não use tamanho menor que 20. É sempre interessante adotar uma padronização: cor, fundo, tamanho da fonte, pontuação, marcadores, legendas, numeração. Ao utilizar imagens, cite as fontes, nada de desenhos ou outras coisas que não se relacionem ao assunto em defesa. Podemos manter perto uma cópia do texto monográfico de modo a anotar as considerações da banca.

Em se tratando de um roteiro para as informações que serão apresentadas nos *slides*, podemos sugerir: nome da instituição, título do trabalho, nome do orientador, cidade e o ano, introdução, problema de pesquisa, objeto empírico, objetivos da pesquisa, método com seu respectivo referencial teórico-metodológico, resultados, considerações finais e algumas referências. Convém lembrar ser necessário dedicarmos um tempo maior para a apresentação dos resultados e as inferências sobre eles.

Em alguns casos, pode ocorrer de a defesa ser realizada de forma *on-line*. Assim, é preciso escolher bem o ambiente e testar previamente os equipamentos. Salientamos que, tanto na defesa *on-line* quanto presencial, cabe certa etiqueta: devemos nos apresentar primeiramente, depois cumprimentar a banca na pessoa do presidente e, então, iniciar o conteúdo da apresentação.

A depender do horário (manhã, tarde ou noite) da defesa é preciso fazer algumas alterações nos *slides*, especialmente quanto a cor do fundo e das letras, normalmente alternamos entre branco e preto. Após defesa oral, seguem-se: arguições, atribuição de nota e leitura da ata de defesa. Lembremos ao orientando que não cabe fazer perguntas a banca, apenas ouvir as considerações, anotá-las e se manifestar em momento oportuno.

Como vimos, o treino é imprescindível, principalmente porque se organizam as ideias a serem apresentadas e exercita-se a defesa em tempo estipulado.

Considerações finais

As experiências como orientando, orientador, avaliador e coordenador de trabalhos de conclusão de curso foram fundamentais para pensar em estratégias de orientação que pudessem responder às demandas de aprendizagem de cada orientando. É evidente que tudo o que fora apontado não constitui uma receita pronta, essa não foi a intenção, principalmente porque não se pode instituir regras em algo que precisa ser criativo. O objetivo com esses apontamentos é que orientadores possam testar as estratégias em sua prática de orientação.

As experiências e as leituras também proporcionaram a percepção de que o conhecimento sobre a metodologia do trabalho científico e escrita acadêmica, por si só, não garantem aprendizagem significativa e nem a conclusão da monografia. É preciso que orientador e orientando, embora com papéis específicos, assumam responsabilidades individual e compartilhada, de modo a cumprir todas as etapas necessárias ao bom andamento dessa atividade acadêmica.

Orientador e orientando dependem um do outro. O trabalho não avança se um membro não cumprir sua tarefa, envolta em: planejamento, estudos, reuniões, análises e escrita. A autonomia do orientando é fundamental, porém, é preciso que o orientador crie condições para ser desenvolvida pelo aprendiz. Quem assumir a responsabilidade de orientar, precisa tomar consciência de que sua missão só estará encerrada quando a versão final do texto estiver depositada na instituição.

Por fim, ao considerarmos que a maioria dos livros e manuais sobre metodologia do trabalho científico traz explicações muito técnicas e que, por vezes, não são bem compreendidas por orientadores e orientandos, primamos por apontar algumas informações sobre o trabalho de orientação ilustrando com estratégias e práticas educativas que podem ser ressignificadas conforme cada necessidade: esse foi o objetivo deste artigo.

Referências

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

ARAÚJO, J.; PIMENTA, A. A.; COSTA, S. A proposta de um quadro norteador de pesquisa como exercício de construção do objeto de estudo. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 175-188, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/inter/v16n1/1518-7012-inter-16-01-0175.pdf>. Acesso em: 22 març. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informações e documentação: trabalhos acadêmicos. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/NBR_14724_atualizada_abr_2011.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

BARRASS, R. **Os cientistas precisam escrever**: guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. 2. ed. Tradução de Leila Novaes e Leônidas Hegenberg. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986.

DINIZ, D.; GUILHEM, D. (Orgs.). **Ética na pesquisa**: experiências de treinamento em países sul-americanos. Brasília: Letras Livres: Editora UNB, 2005.

DINIZ, D.; TERRA, A. **Plágio**: palavras escondidas. Brasília: Letras Livres: Editora UNB, 2014.

BECKER, H. S. **Truques da escrita**: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KIEFER, C. **Para ser escritor**. São Paulo: Leya, 2010.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed, Editora UFMG, 1999.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PERRENOUD, P. 10 Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PINKER, S. **Guia de escrita**: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução de Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

PROSE, F. **Pare ler como escritor**: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SACRINE, M. **Leitura e escrita de textos argumentativos**. São Paulo: Editora USP, 2019.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de escrever**. Tradução de Pedro Sussekind. Porto Alegre: L&PM, 2018.

SAVIANI, D. A universidade é um lugar de todos e para todos? **Cenas Educacionais**, Caetité – Bahia, v. 3, n. e8365, p. 1-15, maio 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/8365/6007>. Acesso em: 29 maio 2020.

VOLPATO, G. **Pérolas da redação científica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010a.

VOLPATO, G. **Dicas para redação científica**. 3. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010b.

VIEIRA, R. F. **Dicionário de dúvidas e dificuldades na redação científica**. Viçosa, MG: EPAMIG, 2011.